

Apresentação

Autor convidado.
Texto enviado em:
11/08/2012

Fábio Duarte Joly

Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto.
joly@uol.com.br

8

O trabalho com a documentação em História Antiga tem sido recentemente alvo de maiores atenções em decorrência de discussões, no âmbito das ciências humanas, acerca do estatuto do conhecimento histórico e seus protocolos de verdade, e também devido ao questionamento das divisões acadêmicas que tendem a separar historiadores, arqueólogos, epigrafistas e numismatas¹.

Reconhecer os limites da documentação antiga e a necessidade de uma abordagem multi e interdisciplinar da mesma são pontos recorrentes em livros e artigos acadêmicos que mencionam os desafios do historiador da Antiguidade, volta em meia contrastando-o com os historiadores de períodos mais recentes. Como ponderou Averil Cameron, “uma história ‘total’ no sentido em que o termo era usado pela escola dos *Annales*, isto é, uma história que leve em consideração as estruturas subjacentes e de longa duração, e considere todo tipo de evidência, material e textual, nunca será possível para o mundo antigo em comparação com outros períodos modernos” (CAMERON, 1993: 154).

Contudo, não se trata apenas de uma questão de limites da documentação – que sempre haverá para quaisquer períodos –, mas de como enquadrar os vestígios disponíveis em esquemas mais amplos, por meio de teorias e modelos, que possibilitem uma ordenação temática e/ou cronológica dos mesmos, elaborando-se uma narrativa portadora de sentido².

Dentro desse contexto, assiste-se, nos últimos anos, a uma reavaliação das formas tradicionais de se pensar a História Antiga, seja como disciplina acadêmica, seja como parte constituinte de uma história da “Europa”. Em ambos os casos, a usual classificação entre História do Antigo Oriente, História da Grécia e História de Roma – gestada no século XIX – tem-se mostrado limitada pelas próprias questões que nosso mundo contemporâneo, caracterizado por uma crescente globalização,

1 Para o caso da relação entre arqueologia e História Antiga, ver (SAUER, 2004).

2 Por exemplo, (MORLEY, 2004).

coloca ao historiador. Tal divisão, ao pressupor histórias compartimentadas, seguindo uma idéia de progresso e civilização, confere pouca abertura para um entendimento do chamado “mundo antigo” como caracterizado pela diversidade cultural, contatos interétnicos, pluralidade social e, sobretudo, diferentes níveis de integração no tempo e espaço através do Mediterrâneo³.

A atual ênfase no mar Mediterrâneo como unidade de análise também chama a atenção para a necessidade de estudos que mapeiem, na longa duração, as transformações em cidades ou regiões específicas de acordo com sua incorporação em estruturas imperiais mais amplas, como no caso dos reinos helenísticos ou do império de Roma. Ademais, essa “mediterraneanização” da História Antiga mostra que a divisão entre Ocidente e Oriente é ilusória, mas também coloca o desafio de como traçarmos os limites dessa unidade de análise e pensarmos as diversas fronteiras que unem e separam grupos e indivíduos no mundo mediterrâneo antigo⁴.

Não se trata de uma tarefa fácil. Este dossiê contempla pesquisas que intentam um diálogo com essa perspectiva, oferecendo estudos de caso a partir de fontes literárias e cultura material que buscam remeter às questões acima.

O artigo de João Batista Ribeiro Santos debruça-se sobre o tema da origem do povo de Israel, analisando conjuntamente a tradição literária bíblica e fontes arqueológicas e epigráficas relacionadas às atividades políticas do Egito no antigo Oriente Próximo. Seu argumento é de que tal origem deve ser buscada no Mediterrâneo antigo, dentre os chamados “povos do mar”.

Ainda situado no contexto oriental, João Carlos Furlani estuda a hierarquia eclesiástica na Antiguidade Tardia, em especial a participação das mulheres em cargos da Igreja, como diaconisas. Por meio de uma comparação entre os *status* das mulheres na estrutura da Igreja no Ocidente e Oriente, o autor indica que, embora às mulheres tenham sido reservados cargos de segunda ordem, a presença das mesmas na hierarquia eclesiástica demonstrava uma integração ao clero ao longo da Antiguidade Tardia. Em claro contraste, portanto, com a prática no Ocidente onde se destacou uma atitude contrária à participação feminina, o que iria se generalizar nos séculos XI e XII.

Já Nicodemo Valim de Sena serve-se das reflexões de Norbert Elias sobre estabelecidos e *outsiders* para abordar o confronto entre gregos e judeus ocorrido em Alexandria durante o Alto Império. Tomando como fonte principal a obra de Filo de Alexandria, filósofo judeu, analisa como a comunidade grega de Alexandria passou a controlar instituições sociais cidadinas impondo à população judaica normas morais e sociais. Demarcavam-se assim fronteiras entre grupos étnicos e

3 A esse respeito consultar (GUARINELLO, 2003: 41-62).

4 Sobre os limites e possibilidades de uma “mediterraneanização da História Antiga”, ver (HARRIS, 2005).

sociais que acabaram por moldar os conflitos em época romana.

Dois outros artigos centram-se mais propriamente em Grécia e Roma e versam mormente sobre a representação de conceitos sociais e políticos em obras literárias. Camila Jourdan estuda o conceito de *métis* (astúcia) na representação de Odisseus por Homero, buscando relacionar essa representação, presente na epopéia homérica e na iconografia de vasos gregos, com a estratégia de Temístocles durante a batalha naval de Salamina contra os persas. Em ambos os casos, a autora argumenta que se pode traçar uma íntima relação entre o recurso à astúcia e a prática da navegação no Mediterrâneo. O artigo de Mamede Queiroz Dias, por sua vez, trata do conceito de autoridade na historiografia greco-romana, mostrando a sua vinculação à posição política dos historiadores antigos. Centrando-se no caso de Tácito, demonstra que política e escrita da história entrecruzavam-se na Roma antiga no sentido de que o que estava em jogo era uma avaliação do cenário político contemporâneo por meio de uma narrativa sobre o passado.

Encerrando o dossiê, temos o artigo de Margaret Bakos, voltado para a recepção da cultura antiga na modernidade. A autora apresenta a idéia de que a figura da “Cuca”, uma mulher com forma de crocodilo, elaborada por Monteiro Lobato, poderia ter sido inspirada na imagem de Tawret, a deusa protetora dos nascimentos e dos bebês, cultuada em Deir el Medina.

10 Em suma, os artigos aqui coligidos ressaltam que, desde pelo menos o século IX a.C. até o Império Romano, o Mediterrâneo foi palco de um processo de interação entre comunidades diversas, que influenciou as trocas econômicas, as relações políticas, e a própria cultura num sentido mais amplo.

Referências Bibliográficas

CAMERON, A. *The Mediterranean world in late antiquity AD 395–600*. London: Routledge, 1993, p. 154.

GUARINELLO, N. L. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politeia: História e Sociedade* 3, 2003, n. 1, p. 41-62.

HARRIS, W. V. (ed.), *Rethinking the Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MORLEY, N. *Theories, Models and Concepts in Ancient History*. London: Routledge, 2004.

SAUER, E. W. (ed.). *Archaeology and ancient history: breaking down the boundaries*. London: Routledge, 2004.